

Médicos do HRT ameaçam pedir demissão

Carlos Humberto

Luiza Damé

Os ortopedistas do Hospital Regional de Taguatinga (HRT) ameaçam pedir demissão coletiva, caso em 30 dias a Fundação Hospitalar não resolva os problemas de falta de material e medicamento, carência de profissionais e equipamentos estragados, enfrentados pelo setor. O diretor do HRT, Cícero Alves da Silva, reconhece que embora as demais áreas do hospital também estejam com dificuldades para atendimento aos pacientes, na ortopedia a situação é mais crítica, havendo uma defasagem de 18 médicos, o que faz com que a especialidade fique sem atendimento em alguns dias da semana.

Diante desse quadro — agravado pelo episódio da amputação da perna do jogador do Ceilândia, Cláudio "Chokito", há cerca de um mês —, Cícero Alves da Silva chegou a propor a desativação da ortopedia do HRT, com a transferência dos profissionais para os outros hospitais da Rede, que também mantém essa especialidade (no caso os hospitais de Base, Regional do Gama e de Sobradinho). No entanto, segundo ele, o secretário de Saúde, José Richelieu, não foi muito simpático à idéia, argumentando que haveria dificuldade para

deslocamento dos pacientes da região de Taguatinga que são atendidos no Hospital.

Licença

Para atender a um público estimado em mais de um milhão de pessoas, o HRT possui doze ortopedistas — sendo que destes dois estão de licença —, enquanto a necessidade para cobrir todos os horários do pronto-socorro, ambulatório, enfermaria e centro cirúrgico é de 28 profissionais. O número reduzido de ortopedistas já obrigou a direção do HRT a fechar o ambulatório de referência da especialidade, tumultuando ainda mais o atendimento no pronto socorro, pois os retornos — que em situação normal são recebidos no ambulatório — acabam sendo atendidos na emergência. Esse era o caso do funcionário público Jamil Soares Ribeiro, que ontem esperou por mais de duas horas para revisar a perna que quebrou num acidente de moto.

A falta de médicos também deixa as quartas e quintas-feiras à tarde e os sábados, durante todo o dia, em descoberto. Nesses dias, conforme o diretor do HRT, se surge algum caso de emergência no hospital, que necessite de cirurgia, o paciente é removido para o Hos-

pital de Base, onde é operado e depois transferido para Taguatinga, recebendo o acompanhamento durante a fase de recuperação.

Além da carência de médicos, as cirurgias no HRT estão sendo dificultadas pelo mau funcionamento dos equipamentos. Atualmente, das seis salas de cirurgia apenas três estão funcionando, mas também apresentam deficiências, especialmente de roupas para proteção dos pacientes e médicos e de luvas. Anteontem, o HRT possuía somente luvas número sete, que não servem nas mãos da maioria dos cirurgiões, porque são muito pequenos.

Providências

O aprofundamento da crise na ortopedia do HRT fez com que os médicos do setor, preocupados com "a preservação da reputação profissional", decidissem exigir providências imediatas da Fundação Hospitalar, para solucionar o que eles classificam de "situação calamitosa". Os ortopedistas temem que acontecimentos trágicos, causados por deficiência da instituição, exponham seus nomes à opinião pública. Até o final da tarde de ontem, o secretário José Richelieu não se pronunciou sobre o assunto.



Com a falta de material de medicamento, os ortopedistas enfrentam grandes filas de pacientes

Banco de sangue mantém serviço

A diretora do Hospital de Base, Maria Custódia Machado Ribeiro, assegurou ontem que todos os servidores do Banco de Sangue desta unidade estão trabalhando normalmente, apesar da greve dos funcionários de nível médio da Fundação Hospitalar, iniciada no dia 9. De acordo com ela, as irmãs Soraya e Rosemeiry, vítimas de talassemia, não fizeram transfusão de sangue anteontem, como estava previsto, porque a reserva de sangue tem um controle mais rigoroso em períodos de greve.

As duas garotas, de cinco e dois anos, sofrem de doença crônica, podendo receber o sangue até uma semana depois da data inicialmente estipulada, explicou Custódia Ribeiro. A manutenção de estoque de reserva é, na verdade, uma precaução do Hospital de Base para assegurar o socorro de vítimas, em hipótese de grandes acidentes. (S.F.)

Grevista faz ato público

Mais de mil grevistas, entre eletricitários, telefônicos, servidores de nível médio da Fundação Hospitalar e funcionários da Universidade de Brasília realizaram ontem de manhã um ato público unificado no Gran Circo Lar, na tentativa de pressionar o governo a repor perdas salariais decorrentes do Plano Collor. O ato acabou se assemelhando a um mini-comício do Partido dos Trabalhadores, com a presença do candidato a governador, Carlos Saraiva, que manifestou o seu apoio às categorias em greve no DF.

Às 11h30, os participantes do ato saíram em carreta rumo ao Tribunal Regional do Trabalho, para aguardar o julgamento, duas horas depois, do dissídio coletivo dos trabalhadores da Telebrasil. Os telefônicos estão paralisados há 27 dias, reivindicando 163% de reposição. Já os eletricitários, em greve nacional há 16 dias, querem 256% de reajuste salarial e tive-

ram, ontem à tarde, a primeira rodada de negociações com as direções das empresas do setor elétrico, no Rio de Janeiro. Os funcionários da FHDF estão reivindicando 199,74% e da UnB, paralisada somente ontem, 286%.

O ato público foi marcado por fortes críticas ao governo Collor e por previsões de crescimento da mobilização popular a partir de setembro, quando servidores públicos poderão iniciar uma greve (a data indicada é dia 11) e os bancários têm data-base. A perspectiva, segundo Chico Zololi, do Sindicato dos Servidores Públicos Federais, é a convocação de uma greve geral peça plenária nacional da Central Única dos Trabalhadores. Antes da realização do ato, com avaliação da mobilização de cada categoria em greve, o grupo Retalhos (teatro de mamulengo de Taguatinga) apresentou a peça "O pacote que estourou em nossas mãos". (Silvana Freitas)

O QUE FUNCIONA NOS HOSPITAIS

	De acordo com Secretaria de Saúde	De acordo com Sindicatos
H. de Base	Pronto-socorro funciona. Ambulatório não. Cirurgias em número reduzido.	Pronto-socorro funciona. Ambulatório não. Cirurgias só são realizadas sob triagem.
HRAN (Asa Norte)	Pronto-socorro funciona. Ambulatório não. Cirurgias eletivas são realizadas em número reduzido.	PS funciona. Ambulatório não. Os setores de internações trabalham com número reduzido de funcionários.
HRAS (Asa Sul)	PS funciona. Ambulatório parcialmente, com a cobertura de médicos e enfermeiros sob coordenação da própria direção.	Greve atinge integralmente o ambulatório e reduz o número de funcionários no PS.
HRT (Taguatinga)	PS funciona. Ambulatório está parcialmente parado. Centros de saúde fechados.	PS funciona. Ambulatório não. Setores de internações com menor número de funcionários.
HRC (Ceilândia)	PS funciona. Ambulatório parcialmente parado. Cirurgias eletivas suspensas.	Somente a emergência (PS) funciona. Até mesmo os Centros de Saúde paralisam.
HRG (Gama)	PS funciona com a cobertura de médicos e enfermeiros que fazem parte do trabalho do pessoal de nível médio	O ambulatório, que estava funcionando precariamente, paralisou totalmente desde a última terça-feira.
HSVP (São Vicente de Paulo)	Somente a emergência funciona. Nem o transporte de pacientes em alta é feito.	PS funciona. Ambulatório não.
HRS (Sobradinho)	PS funciona. Ambulatório está parcialmente parado. Centros de saúde fechados	Somente a emergência (PS) funciona. Os setores de internações estão com número reduzido de servidores. Centros de Saúde parados.
HRP (Planaltina)	Funcionando normalmente.	Ambulatório parado e emergência (PS) com redução de 50% no número de funcionários.